



LUGARES DE MEMÓRIAS DO CARIRI À ÉPOCA DA DITADURA MILITAR (1964-1985).

Aparecida Valdcélia Ferreira de Almeida¹

Resumo: Com a deposição de João Goulart (1961-1964) da Presidência, instaurou-se no Brasil um regime autoritário que perdurou por 21 anos na história nacional. A ditadura militar (1964-1985), por meio das forças armadas e com apoio de alguns setores conservadores ligados à igreja católica, à mídia corporativa e aos empresários, buscou reprimir todos aqueles que se opunham à ordem vigente. Na região do Nordeste, os aparatos repressivos da ditadura militar também se tornaram presentes, seja nos centros urbanos, sertões ou litorais. No Ceará, mais precisamente na região do Cariri, as práticas impostas pelos militares também fizeram parte do cotidiano carirense e da população. Dessa maneira, as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha não ficaram excluídas desse mecanismo de repressão. Essas três cidades sofreram impactos estruturais e sociais de controle imposto pelo Estado autoritário. A pesquisa buscou localizar os espaços que serviram de resistência e luta durante esse período histórico.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Cariri. Memória.

1. INTRODUÇÃO

A seguinte pesquisa aborda o período histórico da ditadura militar brasileira (1964-1985), a partir de uma análise feita em lugares considerados de memórias² na região do Cariri, localizada no Sul do Estado do Ceará. Embora o Cariri seja composto por 29

¹ Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA), aparecida.vferreira@urca.br

² Tomando como base o estudo do Historiador Francês Pierre Nora que aborda o conceito de Lugares de Memórias. Conduz a refletir como os espaços, seja eles materiais ou simbólicos, se relacionam com a memória, em suas palavras: “E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrifica-los eles não se tornariam lugares de memória” (Nora, 1993, p. 13).

municípios, nesta pesquisa o estudo é concentrado nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, que correspondem ao triângulo denominado e conhecido como CRAJUBAR.

Ao longo dos 21 anos da ditadura militar brasileira, diversos espaços dessas três cidades foram utilizados como locais de silenciamento, de repressão e, também, constituíram-se como lugares de lutas e resistências, notoriamente de pessoas que pertenciam aos movimentos sociais, estudantis e políticos da época. Dessa maneira, a pesquisa buscou compreender como determinados espaços urbanos da região estiveram vinculados a memórias de resistência e resistência desses sujeitos.

A problemática central da pesquisa dialoga com a seguinte pergunta: como determinados lugares do Cariri se tornaram espaços de memória e de que forma esses lugares são lembrados, ressignificados e como são apropriados no tempo presente?

Com base na problematização, foi definido o objetivo geral e principal da pesquisa, que foi identificar os lugares de memória referentes aos 21 anos da ditadura militar nas cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, à luz da trajetória de estudantes, militantes políticos e ativistas sociais. Por meio disso, os objetivos específicos se delinearam em três partes: (1) compreender os lugares de memória no contexto de luta contra o sistema de poder ditatorial na construção da memória; (2) analisar o espaço social vinculado aos lugares de repressão e controle político no CRAJUBAR; e por fim, (3) entender como os espaços que serviram de lugares de luta e resistência se constituíram como lugares de memória, levando em conta o contexto social, cultural e urbano na contemporaneidade.

Como referencial teórico principal, a pesquisa utilizou-se da pesquisa do historiador Pierre Nora, com o conceito de Lugares de Memória. Se o lugar do orador é sempre um artefato, o lugar de acordo com Nora, não é jamais dado simplesmente: ele é construído e deve mesmo ser constantemente reconstruído (Hartog, 2013, p. 165). Dessa maneira, o passado é continuamente mobilizado por práticas de memória ao ser relembrado no presente, e por meio disso é o que essa pesquisa almejou evidenciar.

Alguns dos lugares de memória abordados na pesquisa guardam relação com o espaço associados às experiências de luta e resistência, com destaque a antiga Faculdade de Filosofia do Crato (FFC), a Praça Siqueira Campos, Hospital São Lucas, o Colégio Diocesano, o Colégio Santa Teresa e a empresa de cerâmica CECASA, que era localizada em Barbalha. Já os espaços sociais relacionados à repressão, destacam-se, as primeiras cadeias públicas de Juazeiro do Norte e Barbalha, onde foram condicionados os primeiros presos políticos, além da Escola de Menores Maria José em que alguns sujeitos históricos chegaram a ser interrogados e torturados.

Esses espaços não possuem memórias por si próprios se não forem atribuídos um sentido, por meio das experiências, narrativas e disputas de memória sobre seu reconhecimento. Foi possível almejar isso por meio da oralidade dos testemunhos, das pesquisas e das visitas aos espaços, mostrando assim que permanecem vivos na memória de quem presenciou esse período histórico. Nesse sentido, o historiador Francês François Hartog destaca-se em seu texto “Regimes de Historicidade Presentismo e Experiências do Tempo” (2013):

De modo que somente ainda estão vivos (agentes) os lugares retomados, revisitados, remodelados, rearranjados. Desativado, um lugar de memória não é mais, na melhor das hipóteses, do que a lembrança de um lugar (Hartog, 2013, p.165)

O lugar e a paisagem, neste sentido, têm papel crucial nos processos de defesa contra o apagamento e repressão neste novo regime de historicidade.

É que o lugar de barbárie foi possibilitado – uma vez que foi pensado, organizado, sustentado pela energia física e espiritual de todos aqueles que nele trabalharam negando a vida de milhões de pessoas – por determinada cultura: uma cultura antropológica e filosófica, até mesmo uma cultura estética. (Huberman, 2017, p.20).

A pesquisa do historiador da Arte francês Didi-Huberman, precisamente em seu livro “Casca” (2017) reflete acerca do campo de concentração de Auschwitz e de como um lugar de memória foi transformado em um lugar de cultura. Huberman, ao visitar Auschwitz, revela o desafio de tratar os espaços de memória traumática, encontrados no limiar entre a lembrança e o esquecimento. Da mesma maneira, aconteceu com a referida pesquisa, pois, ao entrevistar as pessoas a questão do medo e do trauma se faz presentes em suas lembranças.

Além do mais, a pesquisa apoiou-se nos seguintes estudos sobre ditadura militar: Napolitano (2014) “1964: História do regime militar brasileiro”. Em nível regional a pesquisa concentrou o estudo na tese de doutorado de Queiroz (2010), “Padres, coronéis e ativistas sociais: o Cariri à época da usurpação militarista - 1964-1985” que faz uma análise de como encontrava-se a cidade do Cariri durante os anos da ditadura militar.

O texto de Michael Pollak, “Memória e Identidade Social” (1992), foi importante para entender a importância da memória como identidade tanto individual como coletiva de um povo. Além de outros autores que foram importantes para a escrita do trabalho.

Dessa forma, considera-se que os objetivos estabelecidos para esta pesquisa foram alcançados, uma vez que foi feito o levantamento dos principais pontos do mapa geográfico caririense relacionados aos locais de repressão e de resistência durante o período militar. O trabalho permitiu uma reflexão crítica acerca da ditadura militar e de como ela impactou as

idades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Ao visitar e revisitar esses locais históricos torna-se importante a preservação dos espaços e das memórias.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se caracteriza sendo de abordagem qualitativa, feita por levantamento de dados, utilizando-se de fontes visuais, arquivos, jornais e da oralidade. O diálogo entre essas quatro fontes permite ao historiador pesquisador ampliar uma compreensão e interpretação sobre os lugares de memórias do Cariri à época da ditadura militar.

Como documentos, foram utilizados os arquivos digitalizados da Comissão de Anistia Wanda Rita Othon Sidou, em que foi possível localizar alguns sujeitos históricos que vivenciaram esse período. Outra fonte que se destaca é o jornal “A Ação” que era de controle da Igreja Católica com a diocese, por meio do jornal foi possível observar esse amplo suporte de setores conservadores a manutenção e apoio ao sistema ditatorial de exceção. Para isso, foi utilizado o método de análise do conteúdo da pesquisadora Laurence Bardin seguindo algumas etapas: (1) preparação do texto e seleção do material a ser analisado; (2) codificação atribuindo códigos aos trechos relevantes da leitura; (3) categorização afim de identificar padrões que mais aparecem.

Tratando-se da imagem como fonte fotográfica, os seguintes pesquisadores foram de suma importância. Como Ana Maria Mauad (2008) aborda as imagens visuais como um pretenso entendimento do mundo e da realidade, Mauricio Lissovsky (2011) destaca a capacidade da fotografia de tornar presente aquilo que, à primeira vista, parece invisível, e por fim, Didi-Huberman aborda a questão das “Casca”, como vestígios em uma imagem.

E por fim a oralidade foi uma fonte fundamental, à medida em que se conhecia as pessoas que presenciaram esse período histórico foi possível dialogar com o espaço social e a localização desses lugares. Para isso, foi utilizado o estudo de Alessandro Portelli (1997).

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os resultados obtidos mostram como a ditadura militar deixou marcas na memória não apenas daqueles que vivenciaram diretamente esse período, mas também de seus familiares e amigos. Ao realizar as entrevistas orais, foi possível perceber como os entrevistados se emocionam, sorriem, choram ao relembrar esses acontecimentos. Dessa forma, considera-se que os objetivos estabelecidos para esta pesquisa foram alcançados, uma vez que foi feito o

levantamento dos principais pontos do mapa geográfico Caririense relacionados aos locais de repressão e de resistência durante o período militar. O trabalho permitiu uma reflexão crítica acerca da ditadura militar e como ela impactou as cidades de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar com as fontes imagéticas e orais, foi possível observar a reconstrução da paisagem desses locais. As dificuldades encontradas foram maiores ao trabalhar com a oralidade, pois, para alguns sujeitos que se mostraram a favor ou contra o período militar, o tema é sensível. Ao visitar e revisitar esses locais históricos, torna-se importante a preservação dos espaços e das memórias.

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. Tradução de André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Tradução de Andréa Daher. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

LISSOVSKY, Maurício. **Dez proposições acerca do futuro da fotografia e dos fotógrafos do futuro**. Revista da Faculdade de Comunicação e Marketing, n. 23, 2011.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: EdUFF, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do regime militar brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p.200-212.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Tradução de Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25–39, fev. 1997.

QUEIROZ, Fábio José Cavalcanti de. **Padres, coronéis e ativistas sociais: o Cariri à época da usurpação militarista 1964-1985**. Tese (Doutorado em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 21 abr. 2010.